

OS GRILHÕES DO PASSADO: A ESCRAVIDÃO EM MACHADO DE ASSIS

Filipe Reblin¹

RESUMO: O presente ensaio visa demonstrar como Machado de Assis, em sua obra de forma geral, não deixou de estabelecer posicionamentos, como alguns críticos o acusam de não tê-lo feito. Partimos da leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e do conto “Pai contra Mãe” (1906), procurando perceber a forma como ele aborda a escravidão e, de seu ponto de vista, faz uma crítica à sociedade brasileira de sua época.

Palavras-chave: Machado de Assis; Literatura brasileira; escravidão.

THE FETTERS OF THE PAST: SLAVERY IN MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: This paper aims to demonstrate how Machado de Assis, in his work in general, did not fail to establish positions, as some critics accuse him of not having done so. We start from the Posthumous Memoirs of Brás Cubas (1881) and the short story "Father against Mother" (1906), seeking to understand how it deals with slavery and, from his point of view, criticizes the Brazilian society of his time.

Keywords: Machado de Assis; Brazilian Literature; slavery.

Não existem dúvidas da posição que Machado de Assis ocupa na historiografia da literatura brasileira e, também podemos dizer mundial, já que existe, em boa medida, uma ampla pesquisa de suas obras e seus diversos aspectos (sociais, enredo, personagens etc.).

Sua escrita é de certa forma “única”. Além de um estilo que mescla uma grande riqueza e instiga o leitor, de diferentes maneiras, possui uma grande erudição em variadas áreas do saber, tais como: história, geografia, filosofia, política. Há de se entender, com isso, o motivo pelo qual suas obras estão recheadas de intertextualidades, onde nos é possível verificar, em diversas nuances, esses aspectos apontados.

Ao estudarmos sua vasta produção encontraremos, na crítica, uma tendência em dividir o conjunto de sua obra em duas fases, a saber: a primeira fase romântica e a segunda fase realista.

¹ Doutorando em Letras - Universidade Federal do Paraná. filipe.reblin@gmail.com

Na fase romântica encontraremos os romances: *Ressureição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Neles perceberemos as características “românticas”, onde o amor e os relacionamentos darão a tonicidade das obras. Existem também aspectos que apontam para certa inexperiência do autor, com tendências a seguir modelos.

A partir de 1881, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – quando, então, é inaugurado o realismo no Brasil – temos o divisor de águas na obra machadiana, fase em que se desponta o gênio. Porém, é engraçado perceber que a mudança abrupta, de uma fase para outra, ocorre, segundo Lúcia Miguel Pereira – importante crítica literária: “Entre *Iaiá Garcia* e as *Memórias póstumas*, entre o **romancista medíocre** e o **grande romancista**, existiu apenas isso: seis meses de doença, de outubro de 1878 a março de 1879, três dos quais passados na roça” (PEREIRA, 1988, p. 168) [grifo nosso].

Talvez, por conta dessa situação biográfica exposta, seja possível pensarmos na genialidade de Machado, onde, ao cabo de um curto período de tempo, modificou fortemente a sua forma de escrita e, não somente isso, como também toda a percepção de uma geração de leitores e escritores que viriam após ele. Claro, essa mudança não implica em dizermos que as obras anteriores sejam menores ou com pouco valor estilístico e qualitativo, muito pelo contrário, demonstra, em medida, a construção da obra machadiana e os caminhos possíveis a se seguir de e a partir dela.

O professor e crítico Antonio Candido, aponta que Machado de Assis: “é o escritor brasileiro que jamais houve, e certamente o maior” (CANDIDO, 2000, p. 104).

Ainda em relação à genialidade machadiana, Candido diz:

A sua linha evolutiva mostra o **escritor altamente consciente**, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição de costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. [...] numa literatura em que, a cada geração, os melhores recomeçam *da capo* e só os medíocres continuam o passado, **ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores**. Este é o segredo da sua independência em relação aos contemporâneos europeus, do seu alheamento às modas literárias de Portugal e França. (CANDIDO, 2000, p. 104) [grifo nosso]

Além de referenciar e elevar a genialidade machadiana, Candido aponta o caminho percorrido na escrita, onde o autor se utiliza de suas experiências como um impulso para uma nova fase. Ficam claras, então, a potencialidade que nele encontramos e o motivo de tamanha canonicidade.

Porém, mesmo com esses pontos a favor existe também outra tendência, em certos críticos literários, que postula sobre a falta de posicionamento de Machado frente aos temas e debates político-sociais do seu tempo. Acusam-no de indiferença, principalmente com relação às questões nacionais e, de uma escrita com moldes tipicamente europeus, preocupada em retratar a elite. Parte dessa crítica advém do fato de Machado ser descendente direto de escravos, e não ter, de forma clara – de acordo com o olhar dessa crítica – um posicionamento explicitamente contrário à prática da escravatura.

Entretanto, na contramão dos dizeres críticos, encontramos em seus escritos uma forte crítica à elite dominante em sua época. Isso nos é perceptível, em boa medida, quando nos atentamos para a construção de seus personagens que se mostravam, inúmeras vezes, ambiciosos, desonestos, egoístas.

É possível desconstruir, de certo modo, a questão da ausência de uma temática relacionada à escravatura, na obra machadiana. Basta olharmos para alguns trechos em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, onde encontraremos, sim, em grande medida, um posicionamento machadiano, mas claro, sem nenhum caráter planfetério, tipicidade de seu projeto literário como um todo. Vale ressaltarmos que, para percebermos, como os posicionamentos críticos são colocados em sua escrita, é importante termos em mente outra marca comumente encontrada em sua obra, a ironia.

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.[...]

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: – “Cala a boca, besta!” [...] (MACHADO DE ASSIS, 1999, pp. 32-33)

Lemos acima, no capítulo XI, sobre as ações do pequeno Brás Cubas, nascido numa típica família da elite carioca, logo, a classe dominante. Também nos é apontado outro personagem, Prudêncio, um escravo, representante da classe dominada. O enredo de *Memórias póstumas* se desenvolve, o pequeno Cubas cresce, sai de casa, volta por conta da morte de seu pai e, assim, descobre que Prudêncio havia sido alforriado algum tempo antes,

isso quando, juntamente com a irmã, dividia a herança a que tinham direito (isso tudo posto aqui de forma bem sucinta, sem apontar outros acontecimentos). No capítulo LXVIII vamos ter, posteriormente à alforria, um encontro entre Brás e Prudêncio:

[...] **era um preto que vergalhava outro na praça.** O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

– Meu senhor! gemia o outro.

– Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, – o que meu pai libertara alguns anos antes. **Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção;** perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

– É, sim, nhonhô.

– Fez-te alguma coisa?

– É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

– Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

– Pois não, nhonhô. **Nhonhô manda, não pede.** [...] (MACHADO DE ASSIS, 1999, pp. 100-101) [grifo nosso]

Percebemos uma inversão de papéis. Além de vermos Prudêncio como dono de escravo, situação um pouco difícil – visto o alto preço dos cativos na época – presenciamos a sua ação de punição para com o seu escravo, refazendo assim uma passagem de sua vida, já que outrora era ele o castigado, principalmente nas ‘brincadeiras’ infantis de Cubas. Porém, mesmo liberto e dono de seu próprio caminho, ao avistar Brás, ele pede-lhe a bênção e, subitamente, torna-se submisso, o que, não seria mais necessário visto que já era livre fazia alguns anos e, de certa forma, “igual” ao seu antigo senhor, no que diz respeito a ser um homem livre. Essa visão por nós apontada, de Prudêncio apenas estar repetindo o que já havia sofrido, também é a que chega nosso narrador defunto quando diz:

[...] Era um modo que o Prudêncio tinha de **se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro.** Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era **livre,** dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: **comprou um escravo,** e ia-lhe pagando, com alto juro, **as quantias que de mim recebera.** Vejam as sutilezas do maroto! (MACHADO DE ASSIS, 1999, p. 101) [grifo nosso]

Voltamos, então, ao que já havíamos dito com relação à ironia machadiana. Ora, um ex-escravo que sofrera inúmeras vezes, como Prudêncio, ao se tornar livre deveria agir com seus semelhantes (negros cativos ou não) de uma forma diferente daquela recebida e que lhe

impôs tanto sofrimento. No entanto, ele opta por repetir uma atitude, que de forma geral, desencadearia numa nova repetição por parte do seu escravo – o bêbado –, se o mesmo chegasse à liberdade e tivesse, como Prudêncio, um escravo próprio.

Na obra existe claramente um antagonismo de classes, deixando o autor a cargo do leitor a sua interpretação e reflexão sobre a condição do negro no país. A construção, presente em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, seja através da estrutura ou da análise dos personagens pode ser vista como uma contribuição para a discussão e reflexão a respeito da situação miserável da população oitocentista brasileira, no Rio de Janeiro. Machado, para essa crítica, utiliza-se de aspectos referentes à individualidade – como podemos perceber tão claramente em *Brás Cubas*, que somente nos relata a sua história de vida em seu estado de morte, como querendo mostrar que suas experiências não poderiam ser compartilhadas em vida com outros – e através da natureza dos personagens, nos aspectos já elencados anteriormente. Quanto à questão individualista de *Brás Cubas* lemos, no capítulo II, a seguinte passagem:

[...] Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: **o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e fim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplastro Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas.** [...] Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – **amor de glória.** (MACHADO DE ASSIS, 1999, p. 19) [grifo nosso]

Não apenas podemos perceber, em *Memórias póstumas*, as relações entre capitalismo, classes sociais, escravidão, como também um enredo que se sustenta na história brasileira, significando-a de diversas maneiras, implicitamente ou explicitamente. Ficando exposto, de forma sutil, o posicionamento do autor frente aos problemas que o circundavam e que, em grande medida, afetavam a sociedade brasileira pós-Império.

O realismo – como corrente artística a partir do século XVIII – se desenvolveu a partir do uso da razão e da realidade. Preocupava-se em mostrar mais a essência, deixando de lado a aparência, sendo um meio de denúncias de injustiças sociais e, em certa medida, desprezo pela idealização romântica. Assim, *Memória póstumas de Brás Cubas* figura como

um exemplo fulcral desse estilo, já que produz uma crítica à sociedade brasileira, conforme já apontado, utilizando-se da realidade social, conforme veremos.

São representadas, na obra, as três classes existentes em terras brasileiras no século XIX. A primeira é a elite – classe dominante – tendo como expoente o próprio Brás Cubas, a segunda contém os negros – escravizados e livres – no qual temos Prudêncio e a terceira se refere a uma classe livre (apesar de dependente economicamente da primeira).

Devemos lembrar que, apesar da publicação de *Memórias póstumas* se dar em 1881, a vida de Brás Cubas, o narrador defunto, se passou entre 1805 e 1869. Ou seja, durante importantes fatos históricos do país. Podemos elencar, entre eles: a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, fuga da França, estabelecendo no Rio de Janeiro a capital da monarquia, em 1808; em 1822, a declaração da Independência, tornando-se, então, o Rio de Janeiro capital do Império brasileiro.

Apesar desses acontecimentos a questão da escravatura no Brasil continuou problemática por um longo tempo – mesmo com a pressão da Inglaterra, que exigia o fim do tráfico de escravos – já que, os escravos, eram os responsáveis pelas lavouras e, logo, por toda economia dela provinda. Uma mudança tão progressista, como a proibição do tráfico de escravos, implicaria em problemas ideológicos de complexa resolução, tanto que somente em 1850 seria promulgada uma lei que abolia o tráfico no Brasil, o que nos concede sinais de que não era interesse dos senhores de terras a abolição completa. O governo tentava, então, agregar duas visões: dos que eram contra a escravidão e dos donos de lavouras e escravos. Surge, em 1871, a Lei do Ventre Livre, que considerava livres todos os filhos de escravos a partir de sua promulgação, novamente uma manobra política do governo, que atendia os anseios liberais e conservadores. A última medida, antes do fim absoluto da escravidão, se deu em 1885, com a Lei dos Sexagenários, estipulando que os escravos acima de 60 anos seriam considerados livres. Ao fim, em 1888, após grande força do movimento abolicionista, temos então a promulgação da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, abolindo definitivamente a escravidão em terras brasileiras.

Assim, percebemos que *Memórias póstumas de Brás Cubas* não apenas marca os fatos históricos do tempo de vida de Brás Cubas, como, em larga medida, aponta para acontecimentos posteriores a sua morte. O texto machadiano desvela, então, a hipocrisia e o caráter interesseiro da classe dominante, que além de se beneficiar do trabalho escravo, apontou formas de continuar a exploração da mão de obra, levando em consideração que muitas leis possuíam “adendos” da possibilidade do escravo ser realmente livre, como, por

exemplo, na Lei dos Sexagenários, na qual o escravo só estaria de fato livre após o “pagamento”, em anos de trabalho ou na forma de uma multa a seus donos, o que para muitos era algo impossível.

Ainda com relação ao não posicionamento machadiano, encontramos em outra obra, sinais de que, conforme apontamos, ele nunca se negou a se posicionar, apenas o fez de acordo com suas projeções.

Uma casa tem muita vez as suas reliquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expôr para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, póde extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fóra.

Chama-lhe á minha vida uma casa, dá o nome de reliquias aos ineditos e impressos que aqui vão, idéas, historias, criticas, diaologos, e verá explicitados o livro e o titulo. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena sair cá fóra. **Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha.** (MACHADO DE ASSIS, 1910, prefácio) [grifo nosso]

Ora, se a crítica esperava de Machado um posicionamento claro, em que nada ficasse oculto, ele quebra esse jogo deixando ao cargo do leitor, e da própria crítica, a análise de seus posicionamentos, conforme podemos perceber nessa “Advertência” encontrada no prefácio do livro de contos *Relíquias de casa velha*.

No mesmo livro, iremos encontrar o conto “Pai contra Mãe”, que relata, como em *Memórias Póstumas*, a escravidão, de uma forma impressionante e, até mesmo, brutal. O conto começa com as seguintes palavras: “A escravidão levou consigo officios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociaes. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo officio. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé” (MACHADO DE ASSIS, 1910, p. 3).

O enredo irá nos trazer Candido, caçador de escravos fugidos, que os capturava para entregá-los aos seus senhores. Diferente de outros caçadores, que tralhavam para os senhores das zonas rurais, ele não andava por montes e matas, seu território de caça era urbano. Os escravos fugidos, no meio urbano, só podiam agir de uma única forma: se misturando à população negra livre e alforriada ou fingindo, de certa forma, serem ainda escravos, para despistar as buscas. Existem relatos históricos dos subterfúgios por eles empregados nessas tentativas. Candido pela manhã lia os jornais, procurando neles anúncios de escravos fugitivos, tomando então notas das características, já que não havia fotografias na época. Saía,

então, procurando pelas ruas os negros que ele acreditava possuir as características descritas, laçando-os com uma corda.

Candido era casado com Clara, uma menina órfã. Como não possuíam dinheiro e um sustento que pudesse manter as contas pagas, moravam com Mônica, tia de Clara. Eles desejavam um filho e, algum tempo depois, Clara acabou engravidando. O nascimento se aproximava e eles não conseguiam, de forma satisfatória, uma fonte de renda fixa, o que preocupava a tia. Após o nascimento, de um menino, Clara é convencida pela tia a abandonar a criança na Roda dos enjeitados, o que Candido – após muita hesitação – resolve fazê-lo.

Antes, porém, decidiu tentar conseguir algum dinheiro. Releu suas anotações e os jornais com indicações de escravos fugidos e encontrou um anúncio que prometia grande quantia. O texto descrevia as características da escrava fugida, os bairros por ela frequentados e seu nome: Arminda. Com essa recompensa seria possível o pagamento de algumas dívidas, o que permitiria ao casal a permanência do bebê. No caminho em direção à Roda, acabou por passar por uma mulher que lhe pareceu ser Arminda, seguindo-a por um tempo. Certo de que a mulher que via era a escrava fugida resolveu deixar o filho com um farmacêutico para tentar aprisionar a mulata. Passemos ao relato machadiano:

[...] quando ella ia a descer a de S. José, Candido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

– Arminda! Bradou, conforme a nomeava o anuncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malicia. Foi só quando elle, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ella comprehendeu e quiz fugir. Era já impossível. Candido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quiz gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguem viria libertal-a, ao contrario. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

– Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor delle que me solte; eu serei sua escrava, vou servil-o pelo tempo que quizer. Me solte, meu senhor moço! (MACHADO DE ASSIS, 1910, p. 15)

Vale aqui ressaltarmos, novamente, o caráter irônico produzido por Machado de Assis. A começar pelos nomes, Candido, que nos remete a uma pessoa com ações de docilidade, e Arminda, que significa alguém que possui armas. Ambos os personagens retratam, em certa medida, o contrário do que seu nome pudesse apontar. Candido possui, até mesmo por conta de seu ‘emprego’, atitudes duras e bruscas, e Arminda age pela inocência ao se virar quando chamada, e mesmo depois de capturada se debatendo pelas ruas.

O outro ponto irônico diz respeito a ambos, tanto Arminda quanto Candido, tentarem cada um a seu meio, zelar pelo bem dos respectivos filhos. A captura de Arminda traria um

alívio nas contas que Candido possuía, o que iria trazer, na contramão, problemas para a gravidez de Arminda que: “[...] ia allegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – cousa que, no estado em que ella estava, seria peor de sentir.” (MACHADO DE ASSIS, 1910, p. 15)

Candido entrega Arminda ao seu senhor, recebe os cem mil reis de gratificação. Arminda, no chão, cheia de medo e dor acaba por abortar. A história termina com Candido explicando o motivo do retorno da criança para Tia Monica, que perdoa a volta do pequeno, por conta dos cem mil reis. O narrador termina com uma frase proferida por Candido: “– Nem todas creanças vingam, bateu-lhe o coração.” (MACHADO DE ASSIS, 1910, p. 17)

Vemos, nesse relato, a crítica às crueldades da escravidão conjugada com críticas às dificuldades econômicas de um indivíduo que se encontra na base da pirâmide social. Podemos ver então os traços realistas que seguem a segunda fase da obra machadiana.

É através das incoerências de uma sociedade escravagista que Machado, usando uma ironia gritante e uma complexidade na formulação de seus personagens, faz, como já apontado, críticas, convidando o leitor a refletir sobre tais situações.

O crítico literário Roberto Schwarz, em *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, diz: “A seu lado, quase invisível, porém como o fundo indispensável a seu destaque, está o discernimento social-histórico do romancista” (SCHWARZ, 1998, p. 79). Dessa feita, é possível ver que, diferentemente da crítica que acusa Machado de Assis de imparcialidade, podemos encontrar, em sua obra, posicionamentos extremamente pertinentes e pontuais. Ainda Schwarz: “[...] é preciso examinar os problemas da ação, quer dizer, da intriga e do sistema de relações sociais que lhe dá motivos. O antagonismo de classe, em sua forma particular ao Brasil, é a chave do estilo que vimos estudando” (SCHWARZ, 1998, p. 59). Nessa passagem ele está se referindo em particular a *Memórias póstumas*, porém, é totalmente aceitável ampliarmos essas palavras para toda a construção machadiana, onde diversas nuances se mesclam apontando para um construto maior que exposto literariamente. Para compreendermos Machado, e sua produção, é preciso entender a sua crítica velada e o contexto em que suas obras foram escritas e postas.

Sem tal posicionamento, o leitor, e até mesmo a crítica, ficará à margem e encontrará sempre motivos para dizer o que Machado nunca fez: se omitir a um posicionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira 1 e 2*: volume único. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

_____. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

Recebido em 19/11/2014.

Aceito em 01/01//2015.